

A BATALHA PERDIDA DO GOVERNADOR

O governador Cristovam Buarque disse há poucos dias que entre ser governador e candidato ele prefere o primeiro papel. Mas o que ele gostaria mesmo é de voltar a ser professor. A dificuldade que o governador tem de lidar com a categoria ficou evidente nesta greve que se arrasta há mais de 40 dias, notadamente nos últimos dias, quando a falta de controle assumiu proporções realmente preocupantes. Num dia Cristovam anuncia sete medidas que seriam capazes de fazer a

mágica de retomar as aulas das escolas públicas do Distrito Federal em três dias úteis; horas depois o próprio governador decide dar novo prazo para os grevistas, embora se defenda com sofismas.

A reação dura do governador não durou mais que 24 horas, mostrando o quão fragilizado ele está diante da paralisação dos professores, categoria que ele considerava aliada incondicional. Compreende-se a reação depressiva de Cristovam Buarque diante da crise; o que não se pode admitir é o erro inicial, que culmi-

nou com o maior problema que o governador já enfrentou desde o início de seu governo, mesmo porque dentro de alguns meses ele tenta uma reeleição.

A educação é o emblema do governo de Cristovam Buarque. Qualquer assunto da área deveria ser tratado como prioridade, merecendo envolvimento pessoal do governador. Sem ter sido alertado para a gravidade da situação e medindo mal a repercussão e a disposição dos professores, Cristovam foi iludido por números falsos e promessas vãs de assessores que esperavam terminar com a greve logo depois da eleição da nova diretoria do sindicato da categoria. O governo perdeu o controle da situação neste momento.

O governador deveria ter suspen-

EDUCAÇÃO É O EMBLEMA DO GOVERNO DE CRISTOVAM. QUALQUER ASSUNTO DA ÁREA DEVERIA SER TRATADO COMO PRIORIDADE E TER ENVOLVIMENTO PESSOAL DELE

dido todas as atividades para se dedicar exclusivamente ao seu problema principal, a crise que pode tirar suas chances de governar o Distrito Federal mais uma vez — uma ameaça maior que a possibilidade de renúncia. Cristovam Buarque não poderia ter delegado a ninguém a tarefa de cuidar do problema, muito menos para alguém profundamente envolvido na política do sindicato, caso de Márcio Baiocchi, ex-sindicalista acostumado a liderar greves e não a acabar com elas. Quem foi estilingue não

se acostuma a ser vidraça.

Em hipótese nenhuma o governo deveria ter fechado questão ou encerrado negociações; não se radicaliza diante de uma prioridade. Cristovam está pagando pelo seu próprio erro e pela ineficiência de sua equipe de governo que não o alertou para a real situação. Era preciso sentar, conversar, argumentar. Se necessário, fazer isso todos os dias, todas as horas, a todo momento. O governo se impacientou e apostou na crise — está a ponto de perder todas as fichas.



O pernambucano Cristovam Buarque é um homem teimoso, que costuma decidir e só

depois consultar os auxiliares à procura de apoio — quase sempre convence, com seu farto talento de argumentador. Mas o governo assistiu impassível à transformação de seu chefe. Normalmente afável e bem-humorado, o governador é hoje um homem torturado e mercurial. Cristovam pode até vencer o longo cabo-de-guerra travado com os professores, mas já perdeu a principal batalha ao demonstrar falta de firmeza para sustentar uma decisão anunciada aos quatro ventos.

pestana@cbdata.com.br